

## A liberdade do pensar: a recepção de Nietzsche por Heinrich Mann

Leonardo Camargo da Silva\*

MANN, Heinrich. *Nietzsche*. Trad. de Maria Aparecida Barbosa e Werner Heidermann. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

A nova tradução do ensaio de Heinrich Mann (1871-1950), *Nietzsche*, em tradução cuidadosa de Maria Aparecida Barbosa e Werner Heidermann pela Editora Três Estrelas, coloca em debate mais uma vez o tema da recepção dos escritos do autor de *Zarathustra*. Com efeito, a filosofia de Nietzsche sempre foi objeto das apropriações mais variadas, alvo de diversos equívocos interpretativos e, até mesmo, manipulações ideológicas que jamais poderiam amparar-se na totalidade do *corpus* nietzschiano. A recepção dos seus escritos esteve por muito tempo sujeita à arbitrariedade dos leitores e suas intenções, algo que o próprio Nietzsche já identificara, em 1888, ao escrever *Ecce homo*: “Quem acreditou ter entendido algo de mim, havia ajustado algo de mim à sua imagem – não raro um oposto de mim, por exemplo, um ‘idealista’; quem não entendeu nada de mim, negava que eu em geral entrasse em consideração”<sup>1</sup>. Apenas na década de 1960, com a publicação da edição crítica das obras completas de Nietzsche, fruto do rigoroso e cuidadoso trabalho crítico-filológico conduzido por Giorgio Colli e Mazzino Montinari, tornou-se acessível a totalidade dos escritos do filósofo, com base nos manuscritos originais organizados cronologicamente e apartados das falsificações que sofrera anteriormente<sup>2</sup>. Assim, a recepção da filosofia nietzschiana constitui por si só um problema.

Temas como a história dos efeitos dos textos de Nietzsche, a acolhida e/ou rejeição de sua filosofia, as técnicas de interpretação adotadas pelos diversos leitores, bem como as condições históricas nas quais vêm a lume as diversas leituras, têm ocupado a *Nietzsche Forschung* e, mais recentemente, também pesquisadores

---

\* Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Contato: [lc.silva@hotmail.com](mailto:lc.silva@hotmail.com)

<sup>1</sup> NIETZSCHE, F. *Ecce homo*, Por que escrevo livros tão bons §1, p. 424.

<sup>2</sup> Hoje é amplamente conhecido o processo de deformação e falsificação da obra publicada, bem como das anotações póstumas e da correspondência de Nietzsche, conduzido pela irmã do filósofo, Elisabeth Förster-Nietzsche. Após o colapso mental sofrido por Nietzsche em Turim aos primeiros dias de janeiro de 1889, a irmã reivindicou o direito sobre seus escritos. Desde então organizou edições baratas de seus livros nas quais retirara os textos que pudessem conter qualquer crítica ao Reich, ao nacionalismo ou ao antissemitismo; reuniu sem qualquer critério anotações póstumas num volume intitulado *A vontade de potência* que seria, segundo ela, a obra capital do irmão; na Primeira Guerra Mundial, *Assim falava Zarathustra* era o livro que acompanhava os voluntários alemães para o front; apoiou vivamente a ascensão de Hitler ao poder e recebeu do Terceiro Reich investimento para novas edições dos textos do filósofo; Elisabeth, falecida em 1935, é enterrada com as honras nacionais.

brasileiros. O GEN (Grupo de Estudos Nietzsche), sob a orientação da professora Scarlett Marton, tem contribuído com o desenvolvimento dos estudos nietzschianos no Brasil, seja através dos *Encontros Nietzsche*, da publicação dos *Cadernos Nietzsche* ou da *Coleção Sendas & Veredas*. Desde 2005, o grupo tem publicado a série *Recepção*<sup>3</sup>, que se dedica à tarefa de pensar as geopolíticas da recepção da filosofia nietzschiana. Em 2014, fundou-se na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), sob a responsabilidade do professor Ivo da Silva Júnior, o CENBRA (Centro de Estudos Nietzsche: Recepção no Brasil), também ligado ao GEN e dedicado ao impacto da presença da filosofia nietzschiana na cultura brasileira.

Neste contexto da pesquisa Nietzsche no Brasil, vem à luz a nova edição do importante ensaio de Heinrich Mann, cuja primeira edição brasileira data de 1940, pela Livraria Martins Fontes, sendo um velho conhecido dos brasileiros e muito lido na ocasião de sua publicação como mostra a imprensa da época<sup>4</sup>. O texto ora publicado tem diversas vantagens em relação às edições anteriores, além da tradução direta do alemão e da citação das obras de Nietzsche em acordo com a edição crítica Colli-Montinari, a edição baseia-se nos manuscritos de Heinrich Mann corrigindo alguns erros e incongruências presentes no texto que outrora fora publicado na revista de exílio *Mass und Wert* [Medida e Valor], em 1939, no qual se basearam as demais edições. Assim, o texto contribui tanto para compreender o próprio Mann quanto para reconstituir de maneira crítica a recepção da obra de Nietzsche no Brasil.

Heinrich Mann escreve o ensaio durante seu exílio na Suíça, entre o fim de 1937 e o início de 1938, publicando-o em 1939 cinco anos após o início da era nazista, às vésperas da Segunda Guerra Mundial. O escritor, que conhecera os escritos do filósofo na juventude – quando este ainda era vivo e sua obra não havia sido cooptada pelo

---

<sup>3</sup> A professora Scarlett Marton organizou *Nietzsche na Alemanha* (Discurso Editorial/Editora UNIJUÍ, 2005) ocupando-se da recepção na terra natal do filósofo, *Nietzsche abaixo do Equador* (Discurso Editorial/Editora UNIJUÍ, 2006) acerca da recepção na América Latina, *Nietzsche pensador mediterrâneo* (Discurso Editorial/Editora UNIJUÍ, 2007) sobre a recepção entre os italianos, *Nietzsche, um “francês” entre franceses* (Discurso Editorial/Editora Barcarolla, 2009) sobre a recepção na França e o último *Nietzsche em chave hispânica* (Edições Loyola, 2015) sobre os trabalhos da recepção espanhola.

<sup>4</sup> Vários textos fazem menção ao escrito de Heinrich Mann a partir de 1942. Os *Cadernos Nietzsche* têm recuperado alguns destes a fim de reconstruir a cena cultural na qual os textos de Nietzsche passam a ser lidos. Pedro Lafayette em 1 de julho de 1942, p. 40 da revista *Carioca*, Rio de Janeiro, publica *As tendências políticas de Nietzsche* na qual diverge das apropriações políticas que se faz de Nietzsche na Europa e traz Mann como referência. Em 26 de julho de 1942 no folheto literário, p. 11 do jornal *O Dia* de Curitiba, Wilson Martins discute a leitura que Mann faz do filósofo em *O pobre Nietzsche*. Heitor Muniz ao dissertar sobre *O super-homem de Nietzsche* no diário carioca *A Manhã* em agosto de 1942, defende que Nietzsche não possui partido e, identificando Mann como um anti-Hitler, o toma como alguém que se apropria do filósofo para seu campo de ação. Em *Ideias de Nietzsche*, texto de Luiz Vidal publicado na revista *Carioca*, Rio de Janeiro, em 27 de fevereiro de 1943, refere-se a Mann como inimigo do nazismo e pregoeiro da democracia, um defensor de Nietzsche entre os alemães.

Reich – deseja na maturidade acertar as contas com o seu Nietzsche, figura-guia de sua produção literária. Apesar de considerar a *Vontade de potência* como obra máxima de Nietzsche, Mann elabora cuidadosa análise dos textos do filósofo de modo a defendê-lo da apropriação nazista, por isso seu texto traz referências ao contexto histórico no qual se insere como alguém apartado de sua pátria, mas não da liberdade e frescor de pensamento que respirara na atmosfera dos escritos nietzschianos. Segundo Mann, a filosofia de Nietzsche brota da dúvida que este carrega consigo e das suas contradições intrínsecas, às quais atribui considerável importância (p. 24-25). Mais do que abarcar a vasta obra do filósofo, o escritor deseja auscultar o âmago de seu pensamento; com efeito, “mensurando-se a profundidade em vez da amplitude, descobre-se onde o coração palpita” (p. 25).

Neste exame, já nas primeiras páginas, se mostra a recepção alemã da obra de Nietzsche como um problema central. “Um escritor não se faz presente pelo reconhecimento que a posteridade dedica à obra que ele nos legou, incorporando-a historicamente” tal como o Terceiro Reich fez, identificando-o falsamente como precursor de seu projeto. Continua Mann, “o número de adeptos e imitadores nada atesta a respeito do trabalho e da fecundidade de um autor”, os alemães nazistas leitores de Nietzsche nada podem testemunhar acerca de seu pensamento. “O que é importante, então?”, indaga o escritor. “Que sua obra continue a crescer e a modificar-se depois de sua morte, e do além ele siga conduzindo-a ao seu termo” (p. 17), ou seja, a atualidade de Nietzsche se deve ao desenvolvimento de sua obra e às apropriações que seguem os caminhos abertos pelo filósofo. Frente ao risco que comporta seguir por tais caminhos, uma vez que eles podem, por seu próprio dinamismo, contradizer o seu autor, Mann recomenda: “bom e aconselhável seria retornar ao próprio autor” (p. 19), ou seja, seguir o rastro de Nietzsche, reler seus textos. Neste sentido, Heinrich Mann convida ao distanciamento da imagem que se colou a Nietzsche na Alemanha a partir do exame de seus textos.

Os nove capítulos do ensaio de Mann evidenciam os aspectos centrais de sua interpretação: *A glória póstuma*, no qual coloca o problema da recepção dos escritos de Nietzsche na Alemanha; *Como ele via a si mesmo*, aborda a dúvida e a contradição como constituintes do caráter do filósofo, algo que o fazia único em seu pensamento na medida em que integrava ambas; *A limitação*, apresenta a íntima relação entre pensamento e paixão no autor de *Zarathustra*, que não separa filosofia e forma estilística; *Seu Wagner*, analisa a relação entre o filósofo e o músico autor do *Parsifal*; *Seu*

*cristianismo*, coloca o ambivalente problema da moral e de Deus em Nietzsche; *A transvaloração*, apresenta-se no sentido de deixar as virtudes tradicionais em busca da invenção e construção de si mesmo, a liberdade; *A afirmação*, com certeza um momento central do texto, apresenta a crítica de Mann a Nietzsche pela escolha do tirano conquistador César Bórgia como modelo de afirmação da vida em vez do rei francês Henrique IV, que, segundo o autor, “já era democrata e tendia ao socialismo” (p. 71); *A simplicidade*, comporta aspecto central da interpretação de Mann: Nietzsche é pensador da liberdade de pensamento, contrário ao fascismo e ao tradicionalismo burguês; *Eterno*, gravita em torno da concepção trágica do *amor fati* e a afirmação do eterno retorno como princípio cosmológico.

No contexto da recepção alemã dos escritos de Nietzsche na primeira metade do século XX, o ensaio de Heinrich Mann denuncia a apropriação errônea de sua filosofia. Em relação ao totalitarismo vigente na Alemanha e crescente no mundo ao longo do século passado, o *Nietzsche* de Mann apresenta um pensador que incentiva e dá os meios para se libertar e desenvolver novas realizações, um filósofo que defende a liberdade do pensamento e combate a dureza da servidão. “Eis aqui, enfim, o Nietzsche que, outrora, havia dado a uma juventude esquecida a autorização e os meios para que ela se apartasse e se libertasse, o que levou, por conseguinte, nos melhores casos, a novas e independentes realizações” (p. 75). A dureza exaltada por Nietzsche, segundo Mann, seria imposta pelo pensamento e não pela escravidão deste. Apesar do Reich dos tempos do filósofo ter retardado sua glória, ele não foi perseguido nem proibido de escrever, como o próprio Mann e outros. Desse modo, o escritor ausculta o âmago do pensamento de Nietzsche; retirando as camadas de interpretação postas pela apropriação nazista, o pensador pode falar por si mesmo. A presente edição do texto de Heinrich Mann contribui para a pesquisa em torno do tema da recepção da obra de Nietzsche e, mais do que isso, restabelece o frescor e a liberdade do pensar do filósofo alemão.

## Referências bibliográficas

LAFAYETTE, P. “As tendências políticas de Nietzsche”. In: *Cadernos Nietzsche*, v.37, n.3, Guarulhos/Porto Seguro, v.37, n.3, outubro/dezembro, 2016, pp. 80-83.

MANN, Heinrich. *Nietzsche*. Trad. de Maria Aparecida Barbosa e Werner Heidermann. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

MARTINS, W. “O pobre Nietzsche”. In: *Cadernos Nietzsche*, v.37, n.3, Guarulhos/Porto Seguro, v.37, n.3, outubro/dezembro, 2016, pp. 91-94.

MUNIZ, H. “O super-homem de Nietzsche”. In: *Cadernos Nietzsche*, v.37, n.3, Guarulhos/Porto Seguro, v.36, n.2, outubro/dezembro, 2015, pp. 149-156.

NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. Seleção de textos de Gérard Lebrun, tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

VIDAL, L. “As ideias de Nietzsche”. In: *Cadernos Nietzsche*, v.37, n.3, Guarulhos/Porto Seguro, v.37, n.3, outubro/dezembro, 2016, pp. 111-115.

*Recebido em: 11/11/2017*

*Aprovado em: 31/08/2018*